PORANTIM

EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA

ANO XIII – Nº 129 *Brasília-DF – Abril de 1990* *Cr$ 150,00*

A ESG propõe a guerra às entidades indigenistas

Páginas 2 e 3

Por que dizer não às mineradoras

Página 5

O povo Arara core o risco de extermínio

Página 7

Fritz Teixeira de Salles

Quem são os inimigos dos índios?

Página 11

DISPARATE

Obra de desocupados ou ovo da serpente?

A Escola Superior de Guerra (ESG) não têm importância há muito tempo. Já o falecido general Golbery do Couto e Silva, um de seus criadores, afirmava em 1982, ao brasilianista Alfred Stepan, que a instituição teve um papel político muito reduzido durante a "abertura" do regime militar. O desprestígio da Escola chegou a tal ponto que os cursos que oferece já não atraem os que trilham a carreira militar: seus diplomas contam pouco para os currículos.

No entanto, a ESG, que já foi o principal laboratório da ideologia da ditatura militar, continua funcionando lá na Fortaleza São João, no bairro da Urca, Rio de Janeiro. Subordinada ao Estado Maior das Forças Armadas até hoje seus dirigentes a consideram "um instituto de altos estudos que funciona ao mesmo tempo como centro de pesquisas destinado a preparar civis e militares para funções de direção e planejamento do desenvolvimento e segurança nacionais".

O que representa a ESG, afinal? Trata-se de um cachorro morto? Seria um clube de desocupados que se reúne para inventar moda? Ou seria uma incubadeira a chocar ovos do fascismo?

O mais recente produto da ESG, o documento "Estrutura do Poder Nacional para o Ano 2001", é ridículo na forma. Basta ler alguns trechos para perceber. Mas os que acreditam na democracia devem analisar seu conteúdo com frieza, ainda mais sabendo que foi elaborado para subsidiar os candidatos da direita à Presidência da República (ver matéria à página 3).

Os conceitos-chaves utilizados no documento são velhos e meio misteriosos: o "poder nacional", permanente, em contraste com o governo, transitório, a "vontade nacional"; os " objetivos nacionais permanentes" (ONP), definidos pelo "poder nacional"; a idéia do "Brasil-Potência": "O século XIX foi da Grã-Bretanha. O século XX, dos Estados Unidos da América do Norte. (...) O século XXI deverá ser o da grande nação dos trópicos — Brasil", etc.

"Poder nacional" parece ter o apelido que a ESG dá para o Estado. Ocorre que o Estado, hoje, no Brasil, é regido por uma Constituição Federal. E é a Constituição, do ponto de vista legal, que define os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, os quais, aliás, não têm nenhum caráter "permanente", uma vez que a Constituição pode ser emendada.

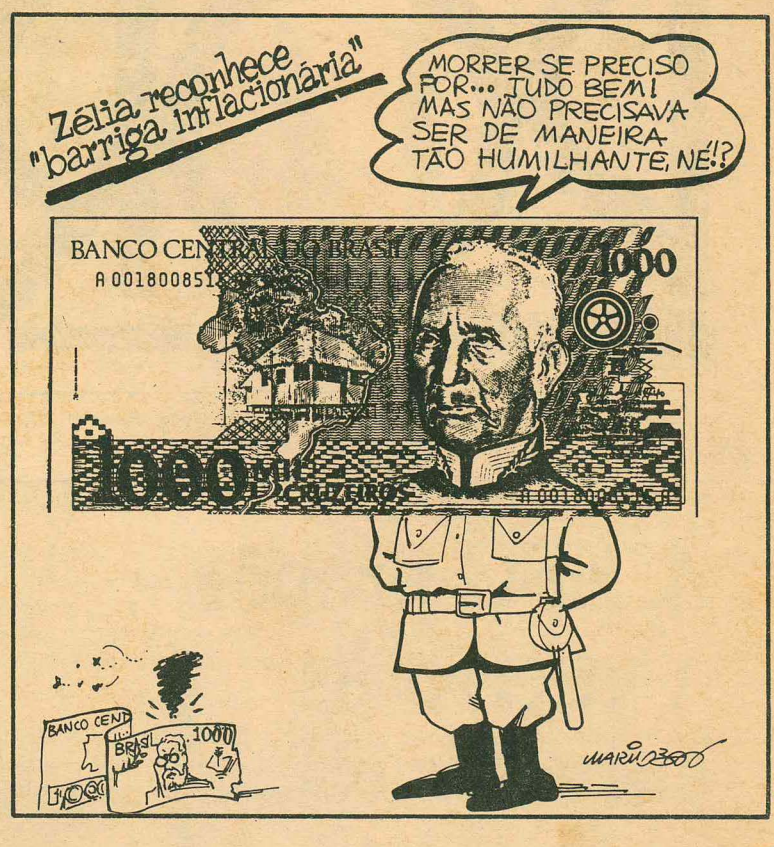
A verdade em tudo isto é que a ESG ainda tenta impingir suas idéias ao País, muitas das quais abertamente anticonstitucionais. Senão vejamos.

O documento da ESG considera como "fator adverso" à conquista dos "objetivos nacionais permanentes" na Amazônia a existência de um "excesso de áreas indígenas" na região; considera como "antagonismo" o que chama de "governo próprio em áreas indígenas", que seria uma "permanente tentativa externa de internacionalizar partes da Amazônia"; e considera como "pressão dominante" a "preservação radical da cultura indígena, com aceitação de seu enquistamento no espaço nacional". A incentivar tais "antagonismos" estariam as organizações não governamentais indigenistas e preservacionistas — teleguiadas por potências estrangeiras —, contra as quais o governo brasileiro deveria usar o "recurso da guerra".

Ora, antes de acusar de traidoras da Pátria as entidades pró-índio, a ESG deveria acusar os membros do Congresso Nacional. Porque foram eles que aprovaram o artigo 231 da Constituição Federal, que garante a existência das áreas indígenas na Amazônia e no resto do País. É o Artigo 231 da Constituição que garante aos povos indígenas a "sua organização social (...) e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam", ou seja, a sua autonomia relativa ("governo próprio"?) face ao Estado brasileiro.

O documento da ESG recomenda expressamente que as autoridades impeçam "quaisquer isolamentos raciais ou étnicos, tendo em conta que o Brasil é um País de povo miscigenado". Em resumo: além de querer a guerra contra as organizações indigenistas e ambientalistas, tratadas no mesmo nível dos contrabandistas e traficantes de drogas, a ESG propõe o genocídio dos povos indígenas. Deve, por isso, ser execrada perante a opinião pública do Brasil e do mundo.

Antônio Carlos Queiroz
Editor de PORANTIM


Zélia reconhece "barriga inflacionária"
MORRER SE PRECISO FOR... TUDO BEM! MAS NÃO PRECISAVA SER DE MANEIRA TÃO HUMILHANTE, NÉ!?
BANCO CENTRAL DO BRASIL
1000
MARILSON

PORANTINADAS

"1) A Amazônia é água"; 2) o rio é a rua". Não, leitor impaciente! Estas frases não foram tiradas daquelas saudosas cartilhas de alfabetização em que se aprendia que "eu vi a uva da viúva"e "o ovo é do vovô". Na verdade, são duas proposições básicas do capítulo sobre "Políticas e Estratégias para a Amazônia", no documento "Estrutura do Poder Nacional para o Ano 2001", da Escola Superior de Guerra.

.. Você sabia que "não há nenhum núcleo urbano relevante da Amazônia que não esteja à beira d'água"? "Isto sem falar na água que cai do céu quando vem a chuva de todos os dias, na maior parte das várias Amazônias"?

..Você sabia que o rio Amazonas não passa de uma "língua de mar que vai do oceano até Manaus"? E que Manaus "pode se ligar, pelo meio hídrico, a todos os portos do planeta banhados pelo oceano mundial"?

.. Acredite, se quiser: A ESG é a responsável por todo esse excesso de liquidez!

.. Você sabia que "nas relações internacionais não existem amigos mas apenas interesses"? Os novos doutores da ESG é que afirmam isto, citando o velho guru Golbery.

.. Você sabia que, "embora incorporada ao Brasil, em sua maior parte, desde 1750, pelo tratado de Madri, continua a Amazônia a ser alvo da cobiça internacional que veste várias peles de cordeiro para disfarçar intenções lupinas"?.

.. E que tais peles são "projetos internacionalizantes, pesquisas institucionais, ações das organizações não governamentais, da Igreja e de empresas multinacionais"?

.. Você sabia que metade do espaço físico brasileiro (a Amazônia) tem o hímem complecente? Segundo o ESG, é "área de características semivirgens, do ponto de vista exploratório biogenético, hidroenergético e mineral"..

PORANTIM EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA

Diretor: Antônio Brand

Editor: Antônio Carlos Queiroz (RP 922/06/04/DF)

Conselho Editorial: Augustino Veit, Benedito Prezia, Egon Heck, João Dal Poz, Júlio Gaiger, Júlio Kaxinawá, Nello Ruffaldi, Paulo Suess, Pedro Tierra e Tomás Balduíno.

Redação: ACQ, Cristina Ávila e Eduardo Leão
Diagramação: Cleomar Gomes Nogueira
Administração: Cilene Pereira

Redação e Administração. SDS — Edifício Venâncio III, sala 310 — Caixa Postal 11.1159 — CEP 70.084 — Brasília — DF
Telefone: (061) 225-9457 — Telex (061) 4293 — Telefax (61) 225-9401
Registro nº 4, Port 48920, Cartório do 2º Ofício do Registro Civil — Brasília

Composição e Impressão: **Jornal de Brasília** — SIG Trecho 01, Lotes 585/645 — Brasília — DF — Telefone: 225-2515

Assinatura anual: Cr$ 1.200,00
Assinatura de apoio: Cr$ 1.500,00
Exterior (América Latina): US$ 20,00
Exterior (outros países): US$ 50,00

Faça sua assinatura enviando cheque ou vale postal em nome de CIMI/PORANTIM

PORANTIM é uma publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão anexo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Permitimos a reprodução de nossas matérias, desde que citada a fonte, e solicitamos o envio de dois exemplares da publicação.

PORANTIM significa, na língua da nação Sateré-Maué, remo, arma, memória.

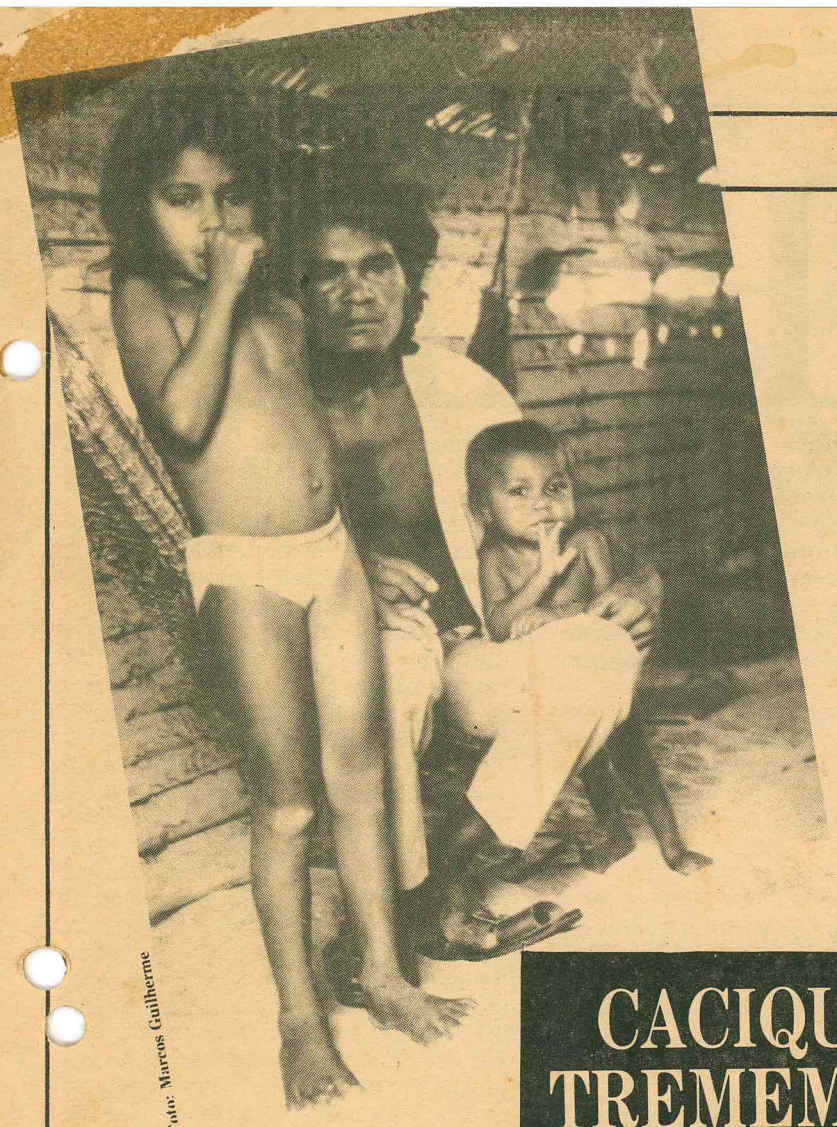


Foto: Marcos Guilherme

CACIQUE TREMEMBÉ

Zé Vicente*

Ele vinha da noite sem luar.
Trazia nos olhos
a liberdade em chamas,
nas mãos, empunhando ainda
a disposição pra luta,
na boca, palavras quase mortas,
guardadas por tantos invernos
de infernos e tempestades!

Cacique é o seu cargo
e o seu nome já não importa.

Urgente agora é o seu grito,
a sua terra, o seu povo!

"Sou da tribo Tremembé
irmão de sangue e de sina dos Tapebas
e hoje, companheiro dos que buscam
terra e liberdade.
comprei meu próprio chão,
a terra onde nasci
herança bendita de meus ancestrais.

Ando pela escuridão
feito bicho do mato,
para escapar dos velhos inimigos
que ainda não mataram sua sede de sangue
e sua fome de possuir o que não lhes pertence!"

Nós ouvimos seu clamor
feito canto de guerra,
até dançamos com ele
alguns passos trôpegos do **toré**
a dança sagrada de seu povo.

Sua história dolorida
real e destemida
ficou gravada em nossa mente
feito flecha incendiada de protesto
e rebeldia!

Em nossas veias arde agora
a parte adormecida e negada
do sangue nativo.

Em nosso peito queima incômoda
a memória-labareda que explode da terra,
dos rios, das serras, pra não se apagar jamais.

A lua cheia nos disse sorridente
que já não poderemos andar por aí
fingindo, fugindo de sua causa,
do seu e nosso futuro,
CACIQUE TREMEMBÉ!

* Zé Vicente é artista do Movimento Popular. Crateús, Ceará, 1989

CARTAS

• Dizem os entendidos que "**dormientibus non succurrit jus**", i.é, não se pode dormir no ponto. Mas outros acertam a situação dizendo que "**quandoque bonus dormitat Homerus**" — qualquer um pode errar.

Acho que dormi, ou pelo menos neglicenciei a renovação da minha assinatura, e por isso quero agradecer o favor que me fizeram de não suspender a remessa de PORANTIM nesses três meses de 1990. (...) Estou enviando, pelas três assinaturas, cheque do Banespa (...).

Newton Santos, Ribeirão Pires, SP

— É isso aí, Newton! Felix qui potuit rerum cognoscere causas!

• Tive a desagradável surpresa de receber em minha residência um exemplar de "Barricada Internacional", em português. Através da carta que acompanha este exemplar, fiquei sabendo que meu nome foi retirado da lista de assinantes do PORANTIM, do qual sou assinante.

Quero pela presente informá-los de que não quero, nunca mais, receber o jornal "Barricada Internacional"e, se tal acontecer, cancelo, imediatamente, minha assinatura do PORANTIM. (...)

Hans van Hellemondt, São Paulo,SP

— Ao fazermos a permuta de nossa lista de assinantes com **Barricada Internacional,** órgão da Frente Sandinista de Libertação Nacional, não tivemos a intenção de ofender o Sr. Van Hellemondt. Muito pelo contrário. Assim mesmo pedimos desculpas pelo incidente.

• Venho através desta agradecer a publicação de meu artigo ("A cultura brasileira e seu significado: a constituição de uma noção de brasilidade", PORANTIM nº 127), esperando que ele possa efetivamente contribuir à reflexão sobre a causa indígena que a todos concerne.

Outrossim, gostaria de remarcar uma alteração de sentido do texto, que modifica o foco mesmo das preocupações do artigo. Refiro-me à chamada de texto que acompanha o item 4, na qual foi incluída entre parênteses a expressão **classista.** De modo algum digo que uma visão relativizada de cultura é igual à uma visão de classe, muito ao contrário. As distorções do conceito de cultura vêm exatamente do enfoque de classe — seja das classes dominantes como das subalternas — como procuro mostrar ao longo da argumentação. Tratar as relações de poder entre os grupos que definem os quadros das práticas culturais não significa fazer o jogo das classes. Acima de tudo é preciso ultrapassá-lo e entrar no plano do efetivamente vivido.

Léa Freitas Perez, Paris, França

— A articulista, a quem pedimos desculpas, refere-se ao intertítulo "A discussão de brasilidade só tem sentido se focada numa visão relativizada (classista) de cultura", em que o editor incluiu a expressão "classista" por erro de interpretação do seguinte trecho, isolado, do artigo: "A discussão de brasilidade — *do ser nacional* — só tem sentido, como sugere Ortiz (1981), se focada nos quadros de uma visão relativizada de cultura, de modo a não se definir o ser nacional em si, mas referido a uma alteridade. Significa dizer que o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre em interpretações que são negociadas e renegociadas, segundo os interesses de classe em jogo e das propostas de contrução de projetos de hegemonia política".

ASSINE O JORNAL
PORANTIM
EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA

PORANTIM é uma publicação do Cimi — Conselho Indigenista Missionário e seu nome significa, na língua dos Sateré-Maué, remo, arma e memória.

Envie vale postal ou cheque nominal para CIMI/PORANTIM — Caixa Postal 11.1159 — CEP 70084, Brasília — DF.

Assinatura (anual).....Cr$ 1.200,00
Assinatura de apoio.....Cr$ 1.500,00
Assinatura para países da América Latina.....US$ 20,00
Assinatura para outros países .....US$ 50,00

Adquira também, pelo reembolso postal, as coleções completas do PORANTIM – referentes aos anos de 1987, 1988 e 1989 – em volumes encadernados.
Preço: Cr$ 1.800,00

WADUBARI (II)[1]

No começo, contam, os rastros sem dedos e a capacidade de arrancar a pele e vestir outra de outra cor, fizeram com que as pessoas pensassem que os **nabé**[2] fossem espíritos. Assustaram-se. Depois ficaram sabendo que eram **nabé**, não eram espíritos: se assustaram outra vez.

Os **nabé**, para agradar, deram presentes: o metal grande e amolado era novo demais e tinha o cheiro do óleo em seu besunto para que não enferrujasse. Desse cheiro veio a primeira **xawala**[3]. Pelo ar ela veio no cheiro sem imagem vista: espíritos, como dizem uns, ou vírus, como dizem outros...

Foram abandonados os metais: **boo-a**, metal; **boo-a pata**, metal grande, facão; **boo-a ihyry**, filhote de metal, faca; **boo-xibé**, pedaços de metal, tesoura... Assim foram chamados.

As pessoas ficaram querendo os metais para trabalhar nas roças. Foi-se a primeira **xawala** e os mortos... Os metais abandonados perderam o cheiro e foram recuperados.

No alto da serra, onde nascem os primeiros braços do Thomethaú[4] e do Parimiú[5], os **nabé** começaram a aparecer vindos do céu.

Era o tempo em que nasciam os que hoje são chefes, filhos dos velhos verdadeiros de fato, que se assustaram com o ronco do avião sobre o **urihi**[6], perto das costas da grande roça que existe lá em cima. Era quando os **nabé** começaram a colocar as pedras no alto da serra para dividi-las entre eles.

Quando os grandes de hoje eram rapazes, já pedindo mulher ou tendo os primeiros filhos, o avião desceu no alto da serra onde é **byrysi**, a floresta pequena de altura. Um dos **nabé** que chegou já sabia das pessoas, de sua boca e de sua orelha. Ele logo quis vir morar com as pessoas para falar e fazer Deus. Esse era o **nabé-missionário**. Os donos do avião eram os **nabé-soldados**. Esses não sabiam conversar.

Os que chegavam do céu eram **nabé**. Os que viviam e faziam suas casas na **urihi** eram gente: **Yanomami**. Uns achavam que outros eram espíritos e outros achavam que uns eram bichos.

As pessoas da serra viviam fácil e normal. Caçavam onde tinha caça, pescavam onde tinha pesca, colhiam onde e quando tinha fruta, plantavam onde a terra era boa, queimavam a casa e construíam uma nova, caso os insetos, a sujeira ou as goteiras começassem a incomodar o bem-viver... Assim iam procurando lugares com mais caça, mais pesca, terras férteis e sítios apropriados para a construção do **xabono**[7]. Mudavam-se também por morte, mal-assombração e desgosto. Por coragem ou medo daqueles que eram inimigos ou à procura de amigos... Ou fugindo da **xawala**.

Usavam o corpo inteiro para viver: desde os dentes para mastigar a comida dura e cortar o que precisassem e fossem capazes; os olhos para perceber as sutilezas do tempo e dos bichos do mato; as orelhas para ouvi-los; as pernas para andar longe, conhecendo a **urihi** ou correndo atrás da caça. Sentiam seu cheiro. Os braços usavam para plantar, flechar, fugir... Força para quando fosse preciso, valentia para quando era de valentia e magia para quando era de magia. Choram e riem sentido e gostoso.

Constroem **xabono** para viverem muitos junto com os parentes, onde cada pai, mãe e filhos pequenos, grupos de velhos ou jovens, fazem seu fogo para quando é frio e escuro.

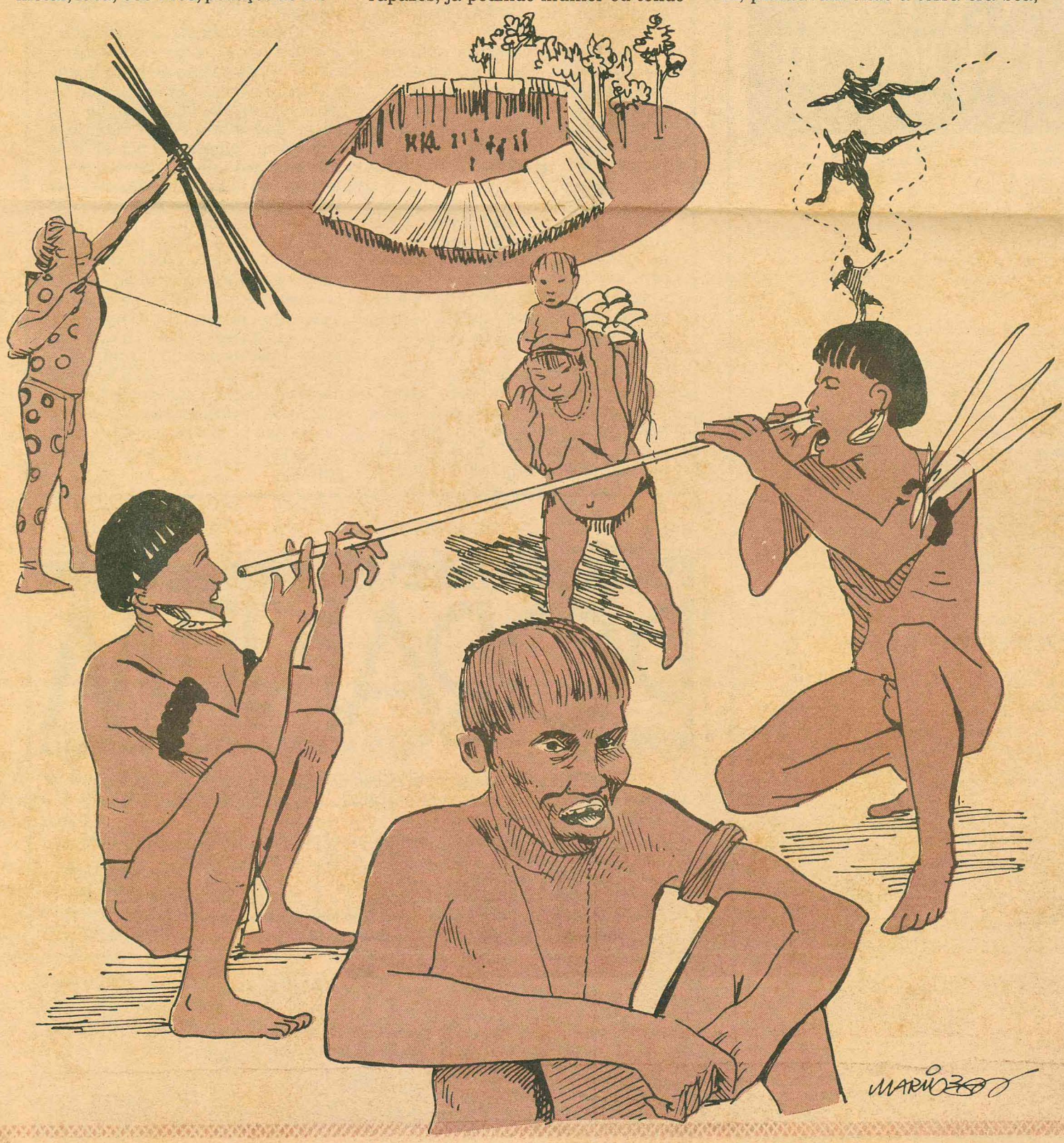
Os homens trabalham para o sogro nas suas roças e caçam para as sogras e futuras esposas que muitas vezes são crianças. Vestiam-se de tinturas da floresta, penas coloridas, peles e flores. Fios de algodão os homens usavam para amarrar a pele do pinto, escondendo-lhe a cabeça. As mulheres teciam os fios para esconder as margens do buraco. E se perfumavam com folhas cheirosas... Furavam a beira de baixo da boca nos dois cantos e no meio, onde colocavam as varetas de **birimifiké**[8]... Furavam as orelhas assim como os homens. Às vezes existiam simples pelados.

Cagavam longe das roças e da água de beber...

Os **xaboribé**[9] tinham os espíritos que moravam em seus peitos, viajavam e guerreavam por outros espaços, combatendo males e libertando os espíritos roubados.

Assim viviam, tinham filhos e aumentavam cada vez mais, fazendo mais **xabonobé**[10] e mais roças.

Marcos Pellegrini[11]



*1) **Wadubari** é o espírito do urubu-rei. Ele auxilia os melhores xamãs nos rituais de cura. (A primeira parte deste texto foi publicada na edição de maio de PORANTIM).*

*2) **Nabé** é toda pessoa que não é **Yanomami**; estrangeiro.*

*3) **Xawala** é o nome de várias doenças desconhecidas, causadoras de grande mortalidade; feitiço poderoso.*

4) Thomethaú, rio que tem muitas cotias: o Mucajaí.

5) Parimiú é o rio Parima.

*6) **Urihi** é o mundo, a terra, a floresta.*

*7) **Xabono** é a casa grande, cônica, com a praça central.*

*8) **Birimifiké** é o adorno de haste de uma espécie de capim.*

*9) **Xaboribé** - plural de xamã (**xabori**).*

*10) **Xabonobé** - plural de **xabono**.*

*11) Marcos Pellegrini é médico. Viveu vários anos entre os **Yanomami**. Atualmente, trabalha para o Cimi-Acre, entre os índios **Kulina** e **Kaxinawá**.*